

Pôster

COMPARTILHEI! A MEDIATIZAÇÃO NA REDE SOCIAL ONLINE POR MEIO DA ORALIDADE

Fernanda Mecking Arantes – UEL
Sueli Bortolin – UEL

Resumo

Estudou-se a rede social *online* do *Facebook* da Biblioteca de São Paulo, a partir do vídeo mais compartilhado no período de janeiro a 15 de maio de 2013, com o objetivo de verificar o tipo de rede e suas conexões. A ideia geral do artigo partiu do questionamento sobre como se dá, em uma rede social *online*, a mediatização por meio do compartilhamento da oralidade. A metodologia empregada foi a Análise de Redes Sociais (ARS) com a utilização dos *softwares* Ucinet6 e Netdraw 2.089. Os resultados obtidos mostraram que a rede é fragmentada e sem coesão.

Palavras-chave: Rede social *online*. Mediatização. Oralidade. Compartilhamento de vídeo.

1 INTRODUÇÃO

Nada mais *fashion* que compartilhar! Ser compartilhado então é o máximo! Ser compartilhado dá *status*, visibilidade e indica que “você causou”. Para isto, em primeiro lugar, você deve ter muitos amigos e/ou seguidores. E se seus amigos tiverem muitos amigos também ser compartilhado fica mais fácil. Pelo menos na teoria.

O fato é que a internet mudou alguns papéis na Comunicação. O emissor e o receptor viraram interlocutores. Mais que isso, qualquer pessoa tem a possibilidade de ser produtor, ser comunicador. A internet abriu espaço para a socialização, para interação e para o compartilhamento (RECUERO, 2009).

Porém, uma das grandes discussões é saber o que despertará interesse para o compartilhamento. E quando quem posta é uma instituição, uma biblioteca? A questão levantada neste artigo é como ocorre, em uma rede social *online*, a mediatização por meio do compartilhamento da oralidade no *Facebook* da Biblioteca de São Paulo (BSP) no período de 17 de janeiro a 15 de maio de 2013, a partir do vídeo mais compartilhado da BSP¹. A finalidade é verificar o tipo de rede e quais as conexões que o vídeo selecionado originou.

Para atingir estes objetivos, utilizou-se a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), por meio dos softwares UCINET6 (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002) e

¹“A menina que odiava livros” de Manjusha Pawagi e Jeanne Franson

NETDRAW 2.089 (BORGATTI, 2002).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Castro (2011, p. 6) “[...] as instituições e os indivíduos passaram a ter, nas tecnologias midiáticas, espaços de mediação simbólica de suas práticas sociais cotidianas, que se configuram, entre outras formas, através das redes sociais, blogs, wikis e websites mais gerais.” Isto significa que os atores sociais fazem uso das ferramentas midiáticas, anteriormente prerrogativa da produção, agora utilizadas também pela recepção (CASTRO, 2011).

A mediação da informação através das mídias, incluindo-se as redes sociais, o *chat*, o MSN, o *blog*, o *Youtube*, o *Facebook* e o *Twitter*, ou seja, a mediatização refere-se à configuração do presencial ao virtual e vice-versa. Entende-se que a mediatização conta com outras ferramentas como a oralidade e a *performance*. Ampliando, assim, seu *corpus*.

2.1 ORALIDADE E REDES SOCIAIS

De acordo com Herring (2010, p. 1, tradução nossa), os usuários da internet usam, nas suas conversas textuais, “verbos como ‘falei’, ‘disse’ e ‘ouvi’, ao invés de ‘digitei’, ‘escrevi’ ou ‘li’”. Isto porque, de acordo com a autora, o uso linguístico dos usuários da internet nas suas comunicações, é similar ao de suas “conversas”, ou seja, é a oralidade presente na escrita, chamada por Recuero (2012, p. 262) “escrita falada” ou “oralizada”, ou como denomina Crystal (2006, p. 17) “netspeak”.

Mesmo presente na escrita da internet, aqui focou-se a oralidade por meio de vídeos postados no *Facebook*. O que obrigatoriamente, traz à tona a *performance* que, conforme Zumthor (c2007, p. 38) “[...] se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual.” A *performance*, segundo o autor, “[...] não apenas se liga ao corpo mas por ele, ao espaço” (ZUMTHOR, c2007, p. 39); entre outros o social.

Segundo Tomás de Aquino, *o homem é um animal social e político*. Deprendendo-se que as redes sociais fazem parte da vida do homem desde a sua pré-história, estabelecendo-se em diversos níveis: família, amigos, trabalho, lazer... Estas redes são denominadas *primárias*, quando se referem aos relacionamentos sociais comuns. Por outro lado, as redes constituídas por grupos com mesmos ideais, interesses, objetivos entre outros, são denominadas *secundárias* (MARTELETO, 2010, p. 30).

Para Capra (2008, p. 22), redes sociais são redes de comunicação que abrangem “linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder, etc.” Nesse sentido, Marteleto

(2010, p. 28) considera o conceito de redes sociais a partir do objetivo em estudá-las, ou seja, para um melhor entendimento da sociedade por intermédio dos “vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização.”

O foco deste artigo são as redes sociais *online*, tendo em vista, como afirma Capra (2008, p. 17), que a internet converteu-se numa “poderosa rede de comunicação global.” Onde, mais que qualquer outro espaço, os atores são receptores, produtores, mediadores e comunicadores.

Neste pôster, enfocou-se o *Facebook*, por ser, atualmente, uma das mais populares plataformas de redes sociais. Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, conta hoje com uma rede de 1,11 bilhões de usuários ativos em todo o mundo, sendo que 79% deles estão localizados fora dos Estados Unidos e Canadá. A plataforma possibilita a seus usuários a criação de perfis públicos e de redes sociais, além de permitir a visibilidade destas conexões. Os sujeitos dão forma às redes sociais como o *Facebook*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partiu-se do levantamento do vídeo mais compartilhado no *Facebook* da Biblioteca de São Paulo (BSP), no período de 17 de janeiro a 15 de maio de 2013. O vídeo, adicionado em comemoração ao aniversário de Monteiro Lobato (18 de abril), “A menina que odiava livros” de Manjusha Pawagi e Jeanne Franson², teve 70 compartilhamentos. Após a seleção do vídeo, procedeu-se o levantamento das pessoas que o compartilharam e quem, a partir dessas pessoas, o compartilhou. Com estas informações, utilizou-se o *software* Ucinet 6, específico para Análise de Redes Sociais (ARS).

A ARS proporciona análise estrutural da rede qualificando-a de forma mais exata e singular. “Em síntese, é um recurso que respalda a gestão organizacional, identificando os atores mais influentes na rede, e está se tornando, cada vez mais, um recurso estratégico na estruturação e criação de ligações importantes” (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p. 78).

Os conceitos primordiais para a ARS determinar as características de uma rede são: centro, periferia, coesão social, distância geodésica, densidade da rede, transitividade e fluxo máximo. Os compartilhamentos na rede são caracterizados por díades, cliques, círculo social e *cluster* (MARTELETO; TOMAÉL, 2005).

De acordo com Recuero (2009), o estudo das redes sociais *online* tem por principais

² http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=y8hb5fsnrRM

elementos: atores (sujeitos que atuam por meio de ferramentas da comunicação mediada por computador); conexões (elementos que aproximam os atores em grupos sociais e abrangem laços e relações sociais).

4 RESULTADOS

A rede analisada é composta de 27 atores, sendo que 13 deles não possuem nenhum tipo de ligação, quatro estão presentes em duas díades e 10 fazem parte de dois cliques com cinco atores cada. Destaca-se que dos 70 compartilhamentos apenas 27 encontravam-se disponíveis para análise. A partir da ARS do vídeo compartilhado no *Facebook* da Biblioteca de São Paulo, chegou-se ao seguinte mapa da rede:

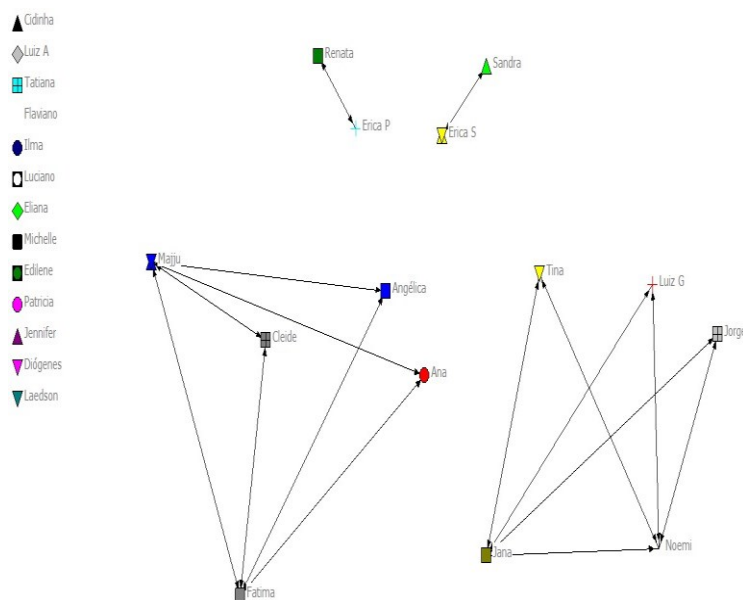


Figura 1 - Mapa da rede

Observa-se que esta rede é composta de laços fracos, ou seja, existem muitas lacunas entre os atores. De acordo com Recuero (2009, p. 256), laços fracos “[...] caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade”. A presente rede é, além disso, fragmentada, pois se apresenta dividida em dois grupos com cinco atores cada, duas díades e 13 atores sem qualquer conexão. Isso indica que é uma rede sem coesão, tendo-se em vista que sua densidade geral é de 4,56.

Os atores mais centrais na rede são: Fátima, Jana e Noemi, sendo as duas últimas do mesmo grupo. Por outro lado, o grau de centralidade (quantidade de atores que um determinado ator está imediatamente ligado), é baixo, variando entre 0 e 4.

Seis cliques foram encontrados, ou seja, seis tríades (três nós): Tina, Jana, Noemi;

Jorge, Jana, Noemi; Luiz G, Jana, Noemi; Cleide, Majju, Fatima; Ana, Majju, Fatima e Angélica, Majju, Fatima. Destacam-se aqui quatro atores: Jana, Noemi, Fátima e Majju que estão presentes em três cliques cada. Outro tipo de relações comuns às redes são os *clusters*, as “panelinhas” entre os atores, que nesta rede não aparecem.

Constatou-se que dos 27 atores da rede, 74% são mulheres e 26% são homens. Este atributo reforça a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (AMORIM, 2008, p. 153), que aponta as mulheres como o gênero que mais lê. Por conseguinte, foi o que mais compartilhou o vídeo sobre leitura da BSP, em homenagem ao Dia Nacional do Livro Infantil (aniversário de Monteiro Lobato).

Por tratar-se de uma rede com pouca coesão, a distância geodésica, espaço mais curto entre dois atores, é de 0 a 2. Por este mesmo motivo, não foi possível calcular a proximidade (habilidade de um ator para atingir todos nós da rede). De acordo com o Ucinet6, a rede apresenta distâncias infinitas (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que o *Facebook* da Biblioteca de São Paulo (BSP) é bastante dinâmico, tanto quanto às postagens da biblioteca, quanto às interações dos atores desta rede. No entanto, ao analisar o compartilhamento do vídeo em questão, a rede mostrou-se sem coesão, fragmentada e de laços fracos.

Percebeu-se que a mediatização privilegia ainda o texto escrito ao invés da oralidade. Outra possibilidade é que muitos dos vídeos disponíveis pela BSP não possuem acesso direto, isto é, o ator precisa clicar em um *link* para só então ter acesso ao vídeo.

No entanto, outros fatores devem ser considerados. O primeiro, é que provavelmente quem faz as postagens pela BSP não é um nativo digital, o que explicaria a preferência pela escrita. O segundo fator, é que os atores da rede analisada também não são nativos digitais, o que significa que talvez, parte significativa do acesso do *Facebook* da BSP também não seja feitos pela geração digital. O terceiro fator poderia ser a sacralização da palavra escrita. Seria a leitura vista sob o prisma da escrita e não de forma mais ampla, a partir das múltiplas linguagens.

Os três fatores mencionados podem servir de ponto de partida para outras pesquisas. Uma delas é a compreensão das redes sociais *online*, uma vez que estão, cada vez mais, fazendo parte do cotidiano dos indivíduos, mudando formas de agir, de pensar e de se relacionar com o mundo e o “outro”.

É fundamental também aprofundar os estudos sobre a mediatização e suas

ferramentas, como a oralidade e a *performance*. Por certo que está na hora de incorporar a mediatização e a oralidade no dia a dia dos serviços de informação. Sob esse aspecto, as redes sociais *online* e as plataformas de que fazem uso têm muito a contribuir.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeano (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet for Windows**: software for social network analysis. Harvard: Analytic Technologies, 2002.

BORGATTI, S.P. **Netdraw network visualization**. Harvard: Analytic Technologies, 2002.

CAPRA, Fritjof. Vivendo redes. In: DUARTE, F.; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (Orgs.). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 17 – 29.

CASTRO, Paulo César. Jornalismo participativo e mediatização da recepção: a domesticação dos leitores na seção “Eu-repórter” do Globo *online*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2011. 17 p. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CC_05.pdf>. Acesso em: 18 maio 2013.

CRYSTAL, D. **The language and the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HERRING, Susan C. Computer-mediated conversation: introduction and overview. **Language@ internet**, v.7, p. 1-11, 2010. Disponível em: <<http://www.languageatinternet.org/articles/2010/2801>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação. **Pesq. Bras. ci. Inf.**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010.

MARTELETO, Regina Maria; TOMAÉL, Maria Inês. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**, n. 1, 2006, p. 75-91.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Rev. FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, p. 118 – 128, abr. 2009a.

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediado pelo computador. In: BUITONI, Dulcilia Schroeder; CHIACHIRI, Roberto. (Org.). **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**, São Paulo, v. 1, p. 259-274, 2012. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais: posição dos atores no fluxo de informação. **Encontros Bibli**, n. 1, p. 75-91, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/147/14720365008.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, c2007.